

RESENHAS

GESCHÉ, Adolphe. **Deus para pensar o ser humano**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

Victor René Villavicencio Matienzo*

A TEOLOGIA, SEGUNDO Adolphe Gesché, fala do ser humano interrogando Deus. Essa forma de teologar desvenda a essência humana, que se inaugurou com Santo Agostinho em suas duas clássicas questões, “Quem sou eu?” e “O que sou eu?”. A primeira questão dirige-se ao próprio ser humano na condição antropológica. A segunda questão, de ordem teológica, dirige-se a Deus e espera uma resposta. Na realidade pensar o ser humano significa não apenas uma questão antropológica, mas uma questão não menos teológica que a questão de Deus, como diria Hannah Arendt.

A pergunta pelo ser humano ainda está sendo trabalhada e aguardada pelo homem. Heidegger falava do esquecimento do ser na metafísica; Maimônides, do esquecimento do tempo na filosofia; Levinas, do esquecimento da criação em ética; esta obra fala do esquecimento de Deus na antropologia, e com essa pretensão evita, de alguma forma, o esquecimento do homem como condição sagrada na própria teologia.

Certamente, não é possível pensar o homem como se Auschwitz não tivesse existido, nem de acreditar que os erros históricos humanos definem permanentemente o mal da condição humana. Hoje o ser humano revela-se no contexto de uma história enigmática de busca permanente por um sentido, na incerteza de uma resposta que começa para si mesmo, como também o transpassa em sua relação com o mundo com os outros e com Deus. Nesse sentido, o ser humano entende-se não apenas como um resultado inerte do passado, mas como um intento de compreender sua condição criadora no mundo.

A fé na criação permite entender, a partir das matrizes teológico-bíblicas, que o ser humano é *criatura criadora*, e isso esclarece o sentido da existência humana. Por isso, é questionável a colocação de Merleau-Ponty, para quem a criação é uma negação da condição humana, porque o humano não passa de um ditado de Deus, embora a fé bíblica aponte para um ser humano criativo e livre, e nela nada esteja dito definitivamente para o homem. Ele é autor de uma história que apenas pode ser entendida à luz de Deus. Afinal, a intelectualidade humana terá que consi-

*Doutorando em Filosofia, Tecnologia e Sociedade. Professor de Cultura Religiosa da PUC Minas.

derar mais a sério Deus para pensar na humanidade e suas mais angustiantes questões (o problema do mal, a condição humana e o significado de Deus, o mundo como lar, o destino final e o sentido último da existência). Encarar essas questões é abrir um caminho para a felicidade humana, porque apenas na busca dela (a felicidade) o ser humano encontra sua real vocação.

GALANTINO, Nunzio. Dizer o homem hoje: novos caminhos da antropologia filosófica. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

Victor René Villavicencio Matienzo

A NOVIDADE DESTA OBRA – embora não esteja colocada na resposta à pergunta “Quem é o homem?” nem na pretensão de desconstrução do sujeito colocado de forma subjacente na cultura contemporânea – apenas propõe um caminho novo para entender-se a verdade do homem. Para isso oferece um caminho que se inicia na consciência epistemológica dos instrumentos teóricos usados para abordar a questão do homem. Essa atitude é claramente inspirada numa nova consciência hermenêutica iniciada na tradição ocidental com Husserl. Essa consciência acaba com a percepção da linguagem como fonte de sentido e ferramenta de construção de realidade explicitada na perspectiva de Gadamer e Ricoeur. Tudo isso para afirmar um reencontro antropológico além do personalismo individualista e da antropologia estruturalista para uma superação no horizonte da pessoa humana como categoria fundamental.

O caminho histórico-crítico apresenta a possibilidade de pensar, sem deixar de lado as grandes tradições do pensamento, e de construir um caminho próximo ao século XX. A história da filosofia moderna permite iniciar esse caminho a partir da perspectiva cosmológica do homem até às atitudes culturais positivas ou negativas, que levaram a experiências históricas nada desejáveis para o futuro da humanidade e que agem na consciência da história do século XX como uma parábola anti-humanista. A “Carta sobre o Humanismo” de Heidegger critica essa parábola, porque a “humanitas” não foi colocada em nível alto, suficiente para afirmar o homem.

* Doutorando em Filosofia, Tecnologia e Sociedade. Professor de Cultura Religiosa da PUC Minas.

Por isso a condição humana não explica suficientemente o estatuto teórico do homem, antes, desperta posições anti-humanistas. Por isso é necessário descobrir outro estatuto teórico que volte a pensar a antropologia em outras categorias não apenas como *homem*, sobretudo como *ser pessoal*. Nesse sentido, destaca-se a recuperação neo-hebraica do conceito de pessoa. Assim, o homem permite abordar a consciência histórica humana como uma questão pelo sentido da origem e destino final; a encarnação e seu desdobramento na relação corpo, presença e atividade; a vocação humana, que é interior e transcendente apesar da paradoxal liberdade. Isso é apenas possível com uma consciência epistemológica que questione e trabalhe os elementos teóricos, e uma consciência hermenêutica que reflita sobre as ferramentas culturais que agem no nosso modo de dizer homem hoje.

LIBÂNIO, J. B. **Qual o caminho entre o crer e o amar?**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

Victor René Villavicencio Matienzo*

A PRINCIPAL TAREFA DA teologia é iluminar as questões fundamentais da fé. O livro de Libânio **Qual é o caminho entre o crer e o amar?** interpreta essa tarefa percorrendo por aquelas perguntas de aparência simples que, no entanto, deslocam respostas em várias dimensões da existência humana. Dessa forma o teólogo, inspirado em Santo Anselmo, busca inteligência para a fé. E essa inteligência revela-se nas questões levantadas nas comunidades que se retiram para refletir porque se sentem questionadas no mundo atual.

Diante desse mundo dominado tanto pela razão técnica – eficiente e eficaz, que chega às fronteiras do espaço estratosférico e que se debate na física – quanto dominado pelo silêncio da fé que não se atreve a pronunciar a existência de Deus e prefere a razão agnóstica, crer é difícil. Mas não acreditar também é difícil.

A atitude do crente, porém, surge de um grito primal contra a idéia de que viemos do nada e vamos ao nada. A vida humana seria uma existência absurda se acabasse no nada. A existência não pode acabar no nada, porque ela encontra sempre um sen-

*Doutorando em Filosofia, Tecnologia e Sociedade. Professor de Cultura Religiosa da PUC Minas.

tido que transcende sua história, e tal sentido é como uma lâmpada que afirma a existência humana, porque Deus existe. O sofrimento humano questiona o sentido procurado na fé ao deparar com as contingências históricas. Mas o sentido de Deus não é apenas restrito à história, Ele ainda é maior. E só aí o mistério do mal se desvenda completamente.

Embora as contingências da história sejam adversas, a fé orienta-se na esperança do encontro com Deus. Não é uma certeza fundada em posse alguma, mas fundada na acolhida de um dom prometido e sempre cumprido por Deus.

Os caminhos da fé sempre são comunitários, por isso se debatem nas encruzilhadas das religiões e sua complexa religiosidade. Daí a fé cumpre o papel crítico diante das formas religiosas e o papel de flexibilizar as instituições religiosas endurecidas pelo medo do seu colapso.

Nas origens mais antigas do cristianismo, o Yon Kipur, ou Dia da Expição, apresenta os mais profundos sentimentos religiosos: redenção, salvação e libertação. Eles explicitam o desejo de acabar com o sofrimento a partir de um projeto amoroso. O amor é um dom recebido de graça e oferecido de graça: Deus é amor e não ódio nem terror.

IBARRONDO, Xabier Pikaza. **Monoteísmo e globalização**: Moisés, Jesus, Muhammad. Petrópolis: Vozes, 2004.

Wellington Teodoro da Silva*

EXISTEM PELO MENOS duas interpretações possíveis da palavra utopia e, por conseguinte, da realidade que ela nomeia. A mais comum é *não-lugar*, ou seja, lugar do impossível, do irrealizável. É algo que existe apenas no nível das nossas idéias e que a história jamais conhecerá. A menos comum, por outro lado, é *bom-lugar*: realizável, histórico, antecipado e planejado no nível das idéias, da razão; segundo Moses Finley.

Entende-se que, para Ibarrodo, a grande utopia, ou, segundo seu texto, a “*tarefa pendente*” da humanidade para este novo milênio é a construção de relações de convivência fundadas na dignidade e no respeito em todo o “Globo da Terra”. Essa utopia foi prometida pelas religiões monoteístas, que “proclama-

* Mestre em Ciência da Religião – UFJF, Professor de Cultura Religiosa e de Sociologia do Trabalho – PUC Minas.

ram a vinda de um Reino de Deus para todos os homens”. O Iluminismo, por sua vez, assume essa tarefa como uma de suas estruturas fundantes.

Ibarrondo considera que essa tarefa é possível e realizar-se-á na globalização, cujo projeto coincide com a realização dessa pendência. Ou a globalização se realiza ou não é. Seu livro apresenta um trabalho acerca do monoteísmo judeu, cristão e muçulmano. Sua abordagem incide na identidade profética dessas tradições religiosas. Essa densidade identitária profética interpela seus fiéis a assumir uma ação orientada no mundo. Essa necessária intervenção social dos fiéis dessas três tradições monoteístas constitui o núcleo da análise desse autor, que, se bem o entendemos, escreveu esse livro como um contributo à realização da utopia histórica das tradições monoteístas.

Seu livro possui cinco capítulos. No primeiro, ele se ocupa dos profetas do monoteísmo: a experiência da Lei (Moisés), da encarnação (Jesus) e de uma submissão libertadora (Muhammad). No segundo, escreve sobre a diversidade de respostas das religiões à revelação de Deus. No terceiro, trata da questão da comunicação, que lhe parece uma via de superação da ditadura do sistema econômico-administrativo e das lutas entre religiões. No quarto capítulo, ocupa-se da vocação de universalidade dessas três religiões monoteístas, fundada em Abraão. Defende um pluralismo religioso como experiência de comunhão. Por fim, no quinto capítulo, Ibarrondo pensa na missão monoteísta como missão de futuro da vida e comunhão universal entre os humanos. Detêm-se mais na experiência da missão cristã e na sua experiência de amor que supera as “leis de um sistema neoliberal que ameaça destruir-nos”.

MARTINS, Iris Mesquita. **Felicidade na velhice**. São Paulo: Paulinas, 2003.

Iris Mesquita Martins*

A OBRA APRESENTA aspectos satisfatórios da última fase da vida. Infelizmente, muitas vezes, são apresentados apenas os aspectos negativos da velhice. As sociedades, em geral, criam vários

* Doutor em Direito Canônico. Professor de Cultura Religiosa da PUC Minas.

estereótipos degradantes do envelhecer. A própria pesquisa científica forma tais estereótipos. Tem-se conhecimento de que isso ocorre porque os estudos são feitos com pessoas idosas residentes em asilos, abrigos e hospitais. Por isso, o nosso interesse em dar um novo enfoque à velhice, salientar os aspectos positivos.

O importante é viver intensamente o momento presente. O passado serve para orientar o futuro. A idade corpórea nem sempre está coadunada com a psíquica. Começa-se a envelhecer ao nascer. Na velhice, a idade não é preponderante na mentalidade. Ser velho é estado de ânimo, não anos vividos. O envelhecimento antes de ocorrer no corpo, realiza-se na mente.

Viver criativamente provoca sanidade física e mental, consequentemente traz felicidade. Nossa vida psíquica não se pode estagnar em paradigmas obsoletos e retrógrados. É preciso adaptar-se aos tempos, aos métodos, criar sempre e sem medo de ser feliz.

A criatividade é o sinal de que estamos produzindo e transformando a realidade. E isso nos leva à felicidade, pois demonstra nossa utilidade e sabedoria. O grito da vida e da esperança acontece na criação. Nesse mundo globalizado, não se pode deixar ser devorado pelo sistema excludente e opressor. Portanto, criemos sempre! Busquemos sempre alternativas para uma vida saudável!

Envelhecer criativamente é uma verdadeira arte. Para isso acontecer, é fundamental que, ao longo do processo evolutivo, o indivíduo desenvolva uma filosofia adequada de vida. O envelhecimento criativo pressupõe a manutenção de uma identidade psicológica que permita ao indivíduo considerável autonomia funcional. É necessário também que a pessoa mantenha um bom nível de saúde física e mental, cuidando, desde a mais tenra idade, do que se come e bebe, exercitando o corpo e evitando situações estressantes.

Através de nossa pesquisa, percebemos que alguns dos grandes gerontólogos e psicólogos fizeram um levantamento das características psicológicas da velhice. Com eles concluímos que, quando os recursos interiores de cada qual são bem aproveitados, a vida pode tornar-se uma fonte de renovadas satisfações e descobertas e não o sofrimento e apenas as doenças, como muitas pessoas acreditam.

Para quem soube e sabe viver, a velhice é tempo de paz de espírito e de serenidade.

A velhice é o topo da montanha de onde contemplamos todo o desenrolar de nossa história pessoal.

O respeito ao idoso tem que ser cultivado. Os cabelos brancos e as rugas merecem respeito e consideração porque são testemunhas da luta de cada qual, de suas glórias e de seus fracassos.

A sociedade compreenda que crianças e velhos são elos de uma mesma corrente que se fecham no Criador, estando por esse motivo muito próximos Dele. A criança por ter partido da centelha divina e o velho por estar próximo de a Deus voltar.